



REDE
TEMPO
BRASIL



Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384

Sobre a Banalidade do Mal: Interdisciplinaridade e produção de sentidos no contexto educacional

Simone Rocha^I
Matheus Stanski^{II}

Resumo: O projeto “O Diário de Anne Frank uma história pelo mundo pós-2ª Guerra Mundial” foi um trabalho desenvolvido em uma escola da rede privada de Santa Catarina, integrando a interdisciplinaridade entre as disciplinas de História e Filosofia. A discussão inicial partiu do conceito sobre a “Banalidade do Mal”, o filme “Operação Final” e o documentário “O contador de Auschwitz”. Posterior à realização do debate, os alunos produziram textos dando continuidade ao diário de Anne Frank produzindo assim um livro.

Palavras chaves: Educação; holocausto; memória; Anne Frank.

On the Banality Of Evil: Interdisciplinarity and production of meanings in the educational context

Abstract: The project “The Diary of Anne Frank a history around the world after the 2nd World War” was a work developed in a private school in Santa Catarina, integrating the interdisciplinarity between the disciplines of History and Philosophy. The initial discussion started with the concept of the “Banality of Evil”, the film “Final Operation” and the documentary “The Auschwitz Accountant”. After the debate, the students produced texts giving continuity to Anne Frank's diary, thus producing a book.

Keywords: Education; holocaust; memory; Anne Frank.

SOBRE A BANALIDADE DO MAL: INTERDISCIPLINARIDADE E PRODUÇÃO DE SENTIDOS NO CONTEXTO EDUCACIONAL

ROCHA, S.; STANSKI, M.

Introdução

Refletir sobre a educação a partir do contexto da 2ª Guerra Mundial nos permite repensarmos os ideais de uma formação para além da esfera tecnológica e científica, mas principalmente humanística.

O trabalho aqui apresentado é resultado de um projeto interdisciplinar desenvolvido entre as disciplinas de História e Filosofia com alunos do 9º ano e Ensino Médio de uma escola privada do interior de Santa Catarina – Brasil.

Partindo do eixo norteador “Educação e o Holocausto”, o projeto foi dividido em três partes: Café Filosófico – “A banalidade do Mal”, a produção do livro: “Anne Frank” e a ação comunitária de entrega de cestas básicas a famílias carentes. Na sequência, descrevemos cada ação articulada conforme seu projeto e os princípios pedagógicos norteadores para a sua realização.

Sobre a “Banalidade do Mal”

Hannah Arendt, filósofa política do século passado, teorizou um conceito denominado “banalidade do mal”, que, segundo ela, é a ausência do pensamento: “A ausência do pensamento com que me defrontei não provinha nem do esquecimento de boas maneiras e bons hábitos, nem da estupidez, no sentido de inabilidade para compreender – nem mesmo no sentido de “insanidade moral”, pois ela era igualmente notória nos casos específicos, as assim chamadas decisões éticas ou os assuntos de consciência. A questão que se impunha era: seria possível que a atividade do pensamento como tal – o hábito de examinar o que quer que aconteça ou chame a atenção independentemente de resultados e conteúdo específico – estivesse dentre as condições que levam os homens a se absterem de fazer o mal, ou mesmo que ela realmente os “condicione” contra ele?”^{III} Ora, a ideia da ausência do pensamento, sobretudo por ela vivenciada no caso Eichmann, deflagra ao pesquisador a ideia de condicionamento do mal.

A banalidade do mal é, assim, a pequenez do não pensar, e não de fato o desejo diabólico do mal. Esse conceito toma uma postura política e histórica e não ontológica. A banalidade do mal se instala pelo não pensar. Em Eichmann, Arendt, percebe que não se trata de casos doentios, sequer antisemita, mas tão somente alguém que está para cumprir ordens, incapaz em pensar no que fez.

Atualizar em sala o contexto filosófico da criação do conceito do mal é de uma riqueza jamais vista, uma vez que permite, aos estudantes, adentrar nas particularidades da antropologia. Encontrar, dentro do processo do conhecimento - sujeito cognoscente e sujeito cognoscível – as estruturas da ideia de mal favorece com que os estudantes sejam privilegiados das mais plausíveis reflexões filosóficas.

Pensar os aspectos filosóficos da banalidade do mal segundo Hannah Arendt no contexto educacional atual é observar a contextualização epistemológica do pensar dessa filósofa e aplicar nas estruturas sociais vigentes. Arendt descreve, na introdução da sua obra, a “Vida do Espírito”, em que por trás da expressão “banalidade do mal” ela “não procurou sustentar nenhuma tese ou doutrina, muito embora estivesse vagamente consciente, de que ela se opunha à nossa tradição do pensamento – literário, teológico ou filosófico – sobre o fenômeno do mal.”^{IV}

As ciências antropológicas, quando refletem a existência humana, buscam dar formas e categorizar as propriedades únicas do ser humano, como o mal. Nesse sentido, percebe-se

SOBRE A BANALIDADE DO MAL: INTERDISCIPLINARIDADE E PRODUÇÃO DE SENTIDOS NO CONTEXTO EDUCACIONAL

ROCHA, S.; STANSKI, M.

que Hannah Arendt não teorizou o conceito aqui refletido seguindo as categorias da tradição do pensamento ocidental. Segundo ela, a “banalidade do mal” é a ausência do pensamento, “[...] uma experiência tão comum em nossa vida cotidiana, em que dificilmente temos tempo e muito menos desejo de parar e pensar – que despertou meu interesse.”^V

Despertar nos jovens do nosso tempo a experiência do - tempo para as reflexões - é inculcar em suas formações acadêmicas as habilidades propriamente do pensar histórico da filosofia arendtiana sobre a origem do mal.

Arendt questiona-se: “Será que a maldade – como que se defina este estar ‘determinado a ser vilão’ – não é uma condição necessária para o fazer-o-mal? Será possível que o problema do bem e do mal, o problema de nossa faculdade de pensar?”^{VI}. Atualiza-se essas questões para as práticas de sala de hoje e percebe-se que propor reflexões desse interim é válido justamente para evitar a banalização do mal e refletir sobre a ausência do pensamento.

Educação e Holocausto: uma história a ser contada.

“Aqueles que não conseguem lembrar o passado estão condenados a repeti-lo” (George Santayana)

“Professora: quando vamos estudar sobre a 2ª Guerra?” É muito comum o interesse que se desperta logo cedo nas crianças sobre o assunto. Quando a temática é 2ª Guerra Mundial e o Holocausto, muitas histórias fazem parte das atividades pedagógicas desenvolvidas: as fases do conflito, kamikazes, o antissemitismo no Brasil (Era Vargas e no mundo), campos de concentração, os justos entre as nações, bombas atômicas, etc.

No entanto, para que esse não seja mais um assunto entre tantos outros narrados nos livros didáticos, é necessário termos como proposta o princípio da alteridade. O reconhecimento das diferenças religiosas, sociais, étnicas e culturais torna-se o eixo centralizador das discussões e atividades pedagógicas na área de humanas.

Com o advento da internet e a disponibilidade de informações, jovens e crianças buscam em tempo real o acesso à grande diversidade de informações. Muitas dessas são disponibilizadas descontextualizadas, com a única intenção de informar sobre algo, deixando a criança ou adolescente com muitas dúvidas ou “certezas” quanto à veracidade do informado. Tais informações podem, neste momento específico de formação da identidade, conduzir a criança ou o adolescente ao preconceito, racismo ou ao negacionismo histórico.

A construção social da identidade individual é um processo múltiplo^{VII}. Talvez se possa afirmar, de forma um tanto esquemática, que a personalidade, à medida que vai se formando em um sistema de relações sociais, vai, progressivamente, sintetizando numa configuração total, nem sempre livre de contradições, um conjunto de identidades particulares: a identidade sexual, a identidade etária, a identidade geográfica, a identidade de classe, a identidade étnica, e a identidade nacional, quase sempre construída à base de características étnicas.

Nesse sentido, para além do conhecimento sobre algumas temáticas abordadas no ambiente escolar, torna-se de fundamental importância o desenvolvimento da criticidade e da alteridade, o olhar para o outro reconhecendo que somos seres iguais enquanto espécie, mas diferentes culturalmente, e não há problema algum em ser diverso. Tal discussão também pode auxiliar nas referências e identificações desses jovens num momento de reconhecimento

SOBRE A BANALIDADE DO MAL: INTERDISCIPLINARIDADE E PRODUÇÃO DE SENTIDOS NO CONTEXTO EDUCACIONAL

ROCHA, S.; STANSKI, M.

do que é, gosta ou sente. É na adolescência que as rejeições e preconceitos se acentuam, e tais discussões são de grande contribuição para a formação da identidade.

Outro aspecto de grande relevância, e que a todo instante se faz presente nessa proposta pedagógica, é o papel da memória no ensino do holocausto.

A memória é uma construção sobre o passado, atualizada e renovada no tempo presente.^{VIII}

Possibilitar uma visita ao passado através de uma aula de História nem sempre é uma tarefa fácil para uma geração acostumada ao imediatismo do tempo presente. O visual, o lúdico e as fragmentações textuais (para não dizer recortes) fazem parte do universo dos jovens na faixa dos 14 anos. Nessa realidade, como criar condições pedagógicas para ressignificar o passado, e que importância tem o passado numa vivência imediatista do tempo presente?

Segundo a mesma autora, as representações sobre o tempo são construções concretas, pois são referenciadas na realidade material. Assim, em conjunturas diferentes da história, os homens constroem análises e representações específicas sobre o acontecido e sobre o vivido. Pois, apesar dos acontecimentos e processos históricos serem imutáveis, os historiadores, os sujeitos e as testemunhas da história constroem análises naturalmente influenciadas pelo tempo no qual estão inseridos. Não se trata de relativismo, mas sim de manifestações cognitivas inseridas na realidade do tempo presente de cada uma dessas pessoas.

Ao utilizar de narrativas vivenciadas em situações e tempos adversos, como na história do holocausto, o professor traz à tona memórias de sobrevivências e resistências que se intercalam no imaginário do adolescente a partir do vivido (mesmo que em pouca idade), possibilitando inserções pessoais de julgamento, moral e alteridade. Busco aqui ressaltar o modo que uma educação sobre o holocausto passa de um aspecto temático teórico para uma formação concreta de sensibilidade sobre o outro.

Negacionismo histórico:

O Negacionismo histórico é uma perspectiva que vem crescendo nos últimos anos justificada por doutrinas ou ideologias que se beneficiam de algum modo sobre a interpretação dos fatos históricos.

O negacionismo surge como uma tentativa intolerante e predatória da memória da Segunda Guerra Mundial, e consiste atualmente numa das maiores expressões do antissemitismo da extrema-direita. Na Europa, berço dessa corrente pretensamente acadêmica, personagens como Jean Marie Le Pen (presidente do partido ultranacionalista e xenófobo Frente Nacional/ França) flerta constantemente com teorias da negação do Holocausto.^{IX}

De forma semelhante, no Brasil o Negacionismo ou o Revisionismo histórico representa uma afronta ao trabalho de historiadores e professores de História ou disciplinas da área de humanas, uma vez que nega ou altera os acontecimentos e fatos comprovados por uma grande diversidade de fontes. Exemplo muito recorrente no país diz respeito à Ditadura Militar de 1964, as prisões e torturas realizadas nesse período.

Nessa perspectiva, cabe ao professor articular as propostas de trabalho alicerçadas no discurso científico, metódico e embasado em fontes que possibilitem o entendimento dos temas abordados numa perspectiva histórica, e não refletidas sob o senso comum.

O documentário indicado para o café filosófico “O Contador de Auschwitz” despertou o tema Negacionismo. A declaração realizada por Oskar Gröning (condenado por cumplicidade na morte de 300 mil pessoas) em resposta a um jovem negacionista na saída do tribunal, (...) *eu estava lá, eu vi os crematórios, eu vi os buracos em chama, eu estava lá*, fez

SOBRE A BANALIDADE DO MAL: INTERDISCIPLINARIDADE E PRODUÇÃO DE SENTIDOS NO CONTEXTO EDUCACIONAL

ROCHA, S.; STANSKI, M.

com que os jovens refletissem sobre a importância da valorização da memória nas declarações e relatos orais de testemunhas do ocorrido. Ao mesmo tempo, refletir que a história tem como suporte para suas narrativas a busca, mesmo que na diversidade de discursos, sobre a realidade dos fatos.

Essa mesma atividade fez com que os jovens relacionassem os atuais posicionamentos ideológicos e políticos que negam os acontecimentos em favor de um posicionamento anticomunista, moralista e religioso presente na mídia e na política em geral.

Concluimos desse modo que um dos objetivos da disciplina de história é justamente fazer relações mentais, cognitivas entre os acontecimentos do passado e os do presente. O desenvolvimento do senso crítico é desenvolvido aqui de forma atemporal e possibilita o reconhecimento de habilidades como o de estabelecer relações (tempo e espaço adversos), contextualizar, reconhecer diferentes discursos e posicionar-se frente aos fatos ocorridos.

(Re)escrevendo o diário de Anne Frank

Recordo-me de “aos 12 anos” ter lido o “Diário de Anne Frank” como parte de um projeto de leitura e produção de resumo sobre o assunto. A menina que passou sua adolescência escondida no Anexo Secreto não fez apenas parte de minha adolescência, mas despertou o desejo pela pesquisa e escrita sobre o assunto.

O diário mais conhecido do mundo, traduzido para mais de 70 idiomas, continua fazendo parte de projetos pedagógicos nas escolas, acompanhando o crescimento e as turbulências vividas na adolescência.

A partir da leitura e das discussões ocorridas sobre a vida e a obra de Anne Frank, optamos por desenvolver a produção escrita dando continuidade ao diário. E se Anne Frank não tivesse morrido de tifo em Bergen- Belsen e pudesse ter continuado com o seu diário, contando suas percepções sobre os diversos acontecimentos do mundo no pós-guerra? Essa foi a proposta direcionada aos alunos para a continuidade do projeto. Reescrever o diário implicaria no desenvolvimento de diversas habilidades:

- a. Despertar a sensibilidade de se colocar no lugar do outro: escrever história sob o ponto de vista de uma adolescente que vivenciou os horrores da guerra;
- b. Conhecer sobre os fatos históricos do Brasil e do mundo a partir de 1945;
- c. Desenvolver a produção escrita (diário); dar continuidade aos elementos de estética, sensibilidade e criticidade presentes no diário;
- d. Caracterizar o diário como uma fonte de memória sobre o ocorrido; reconhecer a importância do Diário de Anne Frank como documento de uma história vivida.

Os textos foram produzidos por alunos do 9º ano e Ensino Médio do Centro de Educação Santa Teresinha – CEST Sagrada Família. A seguir, alguns recortes dos textos escolhidos para a composição do livro.

Segunda, 5 de setembro de 1944.

Querida Kitty, estou totalmente arrasada, eles maltratam cruelmente todos aqui, nos tratam como se fossemos animais, cospem na cara e se acham superiores, não vejo a hora de sair daqui e encontrar minha família novamen...

Quarta, 28 de dezembro de 1944.

SOBRE A BANALIDADE DO MAL: INTERDISCIPLINARIDADE E PRODUÇÃO DE SENTIDOS NO CONTEXTO EDUCACIONAL

ROCHA, S.; STANSKI, M.

Querida Kitty, tomaram você de mim, eu estava escrevendo e de repente chegaram vários soldados e te levaram, fui espancada e abusada. Nesse tempo que não escrevi comecei a ficar mais ligado as pessoas daqui e muitos foram mortos, eu ainda não fui, e tenho esperança que vou sobreviver. Há rumores de que os soviéticos estão vindo nos salvar, espero que seja verdade, não aguento mais isso.

Domingo, 26 de janeiro de 1945.

Querida Kitty, consegui me esconder de alguns soldados, eles estão atrás de todos nós, meu fim está próximo, não tenho mais esperanças se essa for minha última escrita, quero me despedir de você e dizer muito obrigado por ser minha companheira diariamente.

Terça, 28 de janeiro de 1945.

Querida Kitty, tenho ótimaaaaas notícias!!!! Fomos libertos, não estou acreditando, ontem os soviéticos vieram até aqui e nos libertaram, acabouooo Kitty, estou livre, esse sentimento é muito bom, é um sentimento inexplicável, estou vivaaaa!!! E assim Anne conseguiu ser liberta pelos soviéticos.

Rodrigo Junior – 3º Ensino Médio.

Sexta 13 de novembro de 2015.

Querida Kitty

Existe uma linha tênue do tempo, entre o que é e o que poderia ter acontecido. O primeiro amor, primeiro beijo, são fatos que ficam marcados na vida das pessoas.

Poucas semanas depois de minha família chegar no Anexo Secreto, a família de Peter chegou também. Seu pai era amigo do meu pai, e pelo fato de as duas famílias serem judias nós nos juntamos. Lembro bem, que eles se mudaram no dia 13 de Julho de 1942. No começo duvidei de sua personalidade e responsabilidade, pois só o via dormindo e fazendo carpintaria. Ele tinha 15 anos. Era o único menino jovem que vivia conosco fora minha irmã.

Ele trouxe seu gato, e a maior parte do tempo estava fazendo o que amava, consertando coisas, fazendo carpintaria e cortando lenha para o fogão. Aos poucos ele se interessou em aprender assim como nós, e aos poucos começou a aprender outras línguas e até algumas matérias.

Não posso negar que com o tempo dentro do esconderijo, e com a pressão aumentando, nosso convívio foi nos aproximando também. De maneira mútua, nos precisávamos um do outro naquele momento. Eu tomei a maioria das iniciativas, certamente eu precisava de alguém, que me entendesse e tivesse ideias parecidas com as minhas. E nosso convívio foi aumentando. Nós precisávamos falar sobre nossas aflições, angustias, medos e sonhos. A e os sonhos, quando todo aquele pesadelo passasse, ele queria ir às Índias, à Holanda e viver em uma plantação. E eu também tinha muitos sonhos.

Eu era uma jovem revoltada, sentia que ninguém me entendia nem ate mesmo meu querido pai. E existia uma enorme responsabilidade em cima de Peter, que constantemente também

SOBRE A BANALIDADE DO MAL: INTERDISCIPLINARIDADE E PRODUÇÃO DE SENTIDOS NO CONTEXTO EDUCACIONAL

ROCHA, S.; STANSKI, M.

vivia brigando com sua família. Era nosso refúgio estar juntos. Meu lugar preferido era estar junto dele no sótão. Era meu colo amigo. E verdadeiramente era amor. No começo eu até duvidava, pois ele era muito tímido, e introvertido. E também fui dentro do Anexo questionada sobre nossa relação.

Dentro do anexo era difícil conversar com alguém sobre minha sexualidade. Eu estava me descobrindo, na transição entre ser uma criança e um adulto. Sentia meus seios crescerem, mas com quem eu poderia conversar? Nem mesmo minha querida irmã entenderia o que estava passando na minha cabeça, e eu me sentia torturada em meus sentimentos.

Até que um dia eu tomei coragem, em um momento mais íntimo entre nós de o perguntar se ele já tinha beijado alguém e ele falou que não. Foi no sótão, no seu espaço e de certa forma no meu refúgio também que nos demos o nosso primeiro beijo. Foi especial, para os dois.

Lembro-me que em diversos momentos, ouvíamos barulhos de bombas e na maioria deles estávamos juntos e num desses, nos sentados na janela, ele elogiou minhas covinhas. Eu falei que também à amavas e que era a coisa mais bonita que eu achava em dia. Ele disse que me achava bonita e então eu dei no colo dele. E nosso último beijo, foi após uma briga com papai e minha família. Eu subi bravamente ao sótão, a procura dele. E nós nos beijamos. Parece louco, um encontro de almas, e a maioria das pessoas falaria que um romance adolescente não duraria uma vida, que eles sentimentos são efêmeros. Eu digo que não.

Pouco tempo depois nos fomos levados ao campo de extermínio, a pior crueldade que eu já vi na minha vida, a qual luto até hoje a fim de contar as pessoas e ser prova viva do que ocorreu. Lá meu pai até viu ele, porém por um ato de sobrevivência ele decidiu seguir seus instintos e acabou morrendo.

Minha missão aqui são duas. Primeiramente falar que o holocausto ainda vive, na mente daqueles que o negam, naqueles que acreditam na raça superior. Dizer que o EUA é superior ao Brasil, que o branco é superior ao preto e que tudo bem o mundo ser desigual é também alimentar a ideia de que desencadeou todo o sistema nazista. Hoje eu tenho o poder de contar a minha história, e não tem dívida maior, do que estar aqui para ser prova do que ocorreu contra meu povo. O mundo nos dias atuais, está correndo cada vez mais para a bipolaridade, e isso é preocupante, nunca existira apenas duas opções, e o mesmo medo que alimentava o ódio dos nazistas com os comunistas, e o ódio que existe entre a esquerda e a direita no mundo que vivemos. O extremismo e o autoritarismo é um atual ameaça. No mundo em pleno século XXI ainda existem ditaduras! Sejam elas políticas ou não. Temos a ditadura da beleza que emprega padrões que matam pessoas. Ditaduras sociais que discriminam e assolam o mundo. E até mesmo escravizados e oprimidos que não tem suas vozes ouvidas.

Quantas pessoas no mundo hoje sonham em ser ouvidas assim como acontecia comigo e não têm essa oportunidade. O pensador Paulo Freire disse uma frase muito importante: “Enquanto a educação não for libertadora, o sonho do oprimido é ser opressor!” e essa frase não poderia se encaixar melhor na minha concepção de mundo. O sonho de Hitler era que nós não pensássemos, o sonho do capitalismo é que as pessoas não questionem seu sistema e sim que se tornem cada vez mais escravas a ele.

SOBRE A BANALIDADE DO MAL: INTERDISCIPLINARIDADE E PRODUÇÃO DE SENTIDOS NO CONTEXTO EDUCACIONAL

ROCHA, S.; STANSKI, M.

O filósofo Kant em uma de suas obras, fala que as pessoas preferem ficar na menor idade, sem conhecimento do que busca-lo. Para as pessoas é mais cômodo ter um salvador da pátria, da nação do que elas mesmas mudarem a realidade. Essa ideia de perfeição traz a quebra de expectativa e é perigosa.

Hoje tenho a oportunidade de usar a educação e a história para mudar o mundo. E meu papel agora é estimular outras pessoas mudarem a história do mundo pra sempre. Eu não sabia se iria sobreviver ou não, mas eu tinha total certeza que eu seria lembrada até mesmo depois de minha morte.

E a segunda lição que eu levei do secreto pra vida, e sobre minha paixão. Quando ela vem não restam duvidas, nem incertezas. Ele é simples, leve como tem que ser. Porém uma das coisas que mais me deixa triste são as pessoas não demonstrarem o que sentem. Hoje com Peter morto, eu poderia estar aqui, me questionando e lamentando o porquê não falei quando tive a oportunidade. Vejo hoje que um dos maiores presentes que eu pude ter foi à oportunidade de falado sobre meu amor. Na plataforma do campo de concentração foi à última vez o que o vi. Hoje me sinto aliviada e agradecida por nossos momentos juntos. As circunstancias da vida não permitiu que continuássemos juntos, mas isso não diminui nem anula tudo o que vivemos. Nessa vida não deu, mas quem sabe numa próximo, poderíamos viver e nós amar até a nossa velhice? Com amor Anne.

Roberta Coelho Telles - 2º Ensino Médio

Querida Kitty

Chegou o dia em que saberemos se tudo poderá voltar ao “normal”. Depois eu volto para contar ;) Não trago boas notícias novamente...

Meus netos não terão aula tão cedo. Nossa única salvação vai ser a vacina...

Quinta, 31 de dezembro de 2020.

Querida Kitty

Passei o ano inteiro em casa, sem poder sair, sem nada, não escrevi mais, pois como já estou com uma idade mais avançada, estou me cuidando 101% e a preocupação aumenta.

Atualizando você Kitty...

Hoje, faz um ano que estamos nessa luta contra esse vírus letal e tivemos +1 para a conta, justo na virada do ano, pois é.

Conforme os pesquisadores do laboratório de diagnóstico Dasa que acabam de revelar que identificaram em São Paulo dois casos da B.1.1.7 do SARS-CoV 2, variação do coronavírus encontrada inicialmente no Reino Unido e que cientistas britânicos estimaram ser de 50% a 74% mais contagiosa. Ou seja, atenção e preocupação dobrada.

SOBRE A BANALIDADE DO MAL: INTERDISCIPLINARIDADE E PRODUÇÃO DE
SENTIDOS NO CONTEXTO EDUCACIONAL

ROCHA, S.; STANSKI, M.

Sua Anne.

Quarta, 20 de janeiro de 2021.

Querida Kitty

Vacinei!!!!

Finalmente o dia mais esperado chegou. Tomei a primeira dose da vacina contra o Covid-19, recebi a Coronavac.

Estou me sentindo perfeitamente bem! Mais leve e com a esperança crescendo. Claro que não deixarei de usar máscara e os demais cuidados!

Daqui 21 dias tomo a segunda dose!

Sua Anne.

Quinta, 4 de fevereiro de 2021.

Querida Kitty

Hoje é à volta às aulas dos meus netos...

Será muito diferente, eles terão que usar máscara, álcool em gel por toda parte, distanciamento social, sem abraços, sem contato...

Mas pelo menos irão sair da aula totalmente online, entretanto terá alguns dias que eles ficarão em casa por conta que a maioria quer presencial e a sala é pequena, então eles estão com o ensino híbrido.

11h45min – chegaram e já me contaram que foi diferente, mas bom. Tomara que dê tudo certo. Eles são o futuro do país.

Sua Anne.

Terça, 9 de fevereiro de 2021.

Querida Kitty

Hoje vou tomar a segunda dose da vacina!! Logo mais volto para contar para ti.

Já são 19:30 e quase esqueci de vim te contar sobre hoje...

Recebi a segunda dose e estou extremamente feliz!

Viva o SUS! Viva a ciência!

Sua Anne.

Sexta, 12 de fevereiro de 2021.

Querida Kitty

Finalmente outra notícia feliz, depois de um ano só recebendo notícias péssimas.

Hoje, a enfermeira Mônica Calazans, recebeu a segunda dose da vacina contra o Covid-19, a primeira brasileira a tomar a vacina! Recebeu a vacina denominada Coronavac que fora desenvolvida na China e produzida no Brasil pelo Instituto Butantan.

SOBRE A BANALIDADE DO MAL: INTERDISCIPLINARIDADE E PRODUÇÃO DE SENTIDOS NO CONTEXTO EDUCACIONAL

ROCHA, S.; STANSKI, M.

"É um prazer estar aqui sabendo que eu tenho uma representatividade muito grande, que começou tudo no dia 17 de janeiro. Eu quero deixar claro a minha emoção, mas isso não me dá o direito de sair na rua sem máscara, sem o álcool gel, de ir para aglomerações... eu vou continuar junto com todos os brasileiros usando máscara, até que todos nós estejamos imunizados", declara Mônica.

Para finalizar a enfermeira retomou: "Eu estou aqui por uma classe. Eu sou enfermeira. Tenho muito orgulho de tudo isso e da minha profissão. Quero deixar claro que eu não sou atriz, eu sou enfermeira. Recebi mensagens que diziam que eu estava atuando, mas num momento com tantas mortes não existe atuação. Tudo que eu fiz foi verdadeiro". "Eu quero que respeitem isso".

"Mônica Calazans se tornou um símbolo no Brasil e mesmo fora do Brasil ao receber a primeira dose da vacina contra Covid-19. Ela é parte da linha de frente de profissionais de saúde, que sacrificam suas vidas para salvarem vidas" disse o governador do estado, João Doria.

Viva o SUS! Viva a ciência!

Sua Anne.

Sexta, 18 de junho de 2021.

Querida Kitty

Hoje, vim me despedir...

Depois de tudo o que aconteceu e está acontecendo eu vi o quão precisamos viver bem e felizes e aproveitar ao máximo quem amamos...

Adoro escrever, mas preciso aproveitar com minha família, pois já estou velhinha e não sei ate quando irei estar presente fisicamente nesse mundo. Obrigada por me acompanhar nessa vida.

Obrigada Kitty!

Sua Anne para sempre.

Rafaela Fávero Ramos – 1º Ensino Médio

Um dos grandes desafios para os educadores atualmente é a leitura e a produção textual. A temática abordada, a história de Anne Frank bem como a identificação com a realidade da pandemia, fez com que os alunos se motivassem a desenvolver o trabalho.

A ética da alteridade: a fome do outro também é minha

Nossa grande civilização ocidental é este monumento dúbio: sabemos como fazer bilhões de contas por segundo ou como ir a Marte, mas "não sabemos" como livrar o mundo da fome ou respeitar a alteridade de culturas ou pessoas que não se enquadrem em um determinado sistema social, cultural ou econômico (SOUZA, 2008, p. 129).

A partir das reflexões teórico-conceituais, nasce, no grande grupo, uma necessidade em estabelecer um cuidado com o outro ser humano como forma de proporcionar a "não-ausência" do pensamento e o "não-negacionismo histórico".

SOBRE A BANALIDADE DO MAL: INTERDISCIPLINARIDADE E PRODUÇÃO DE SENTIDOS NO CONTEXTO EDUCACIONAL

ROCHA, S.; STANSKI, M.

Com a venda dos exemplares, publicações a partir desse trabalho, far-se-á um gesto concreto de solidariedade ao próximo, uma atitude de cuidado. Emmanuel Lévinas, filósofo judeu que concebeu, primeiramente, o pensamento ético como prioridade na filosofia, afirma que “[...] o rosto de outrem está nu; é o pobre por quem posso tudo e a quem tudo devo. E eu, que sou eu, mas que enquanto ‘primeira pessoa’ sou aquele que encontra processos para responder ao apelo”^x. Ora, em consequência a estes processos faz-se necessário educar para o outro, para a ética da alteridade.

Entender o outro como parte do meu eu é, segundo Lévinas, um processo ético e não um evento habitual da casuística. Assim, com essa atividade, implementaremos uma ação ética baseada nos princípios contrários aos que levaram os nazistas a banalizarem o mal.

O processo educativo é único, pois nos permite refletir e intervir de forma eficiente e eficaz na sociedade em que estamos inseridos. É um binômio de semeadura e colheita que se aplica nesse ofício sagrado; professorar, portanto, é exercício de historicidade, reflexão filosófica e cuidado com o outro.

Considerações finais

Após o desenvolvimento das atividades, conforme descrito em cada uma das etapas, podemos considerar o envolvimento e a produção dos alunos pertinentes ao projeto desenvolvido na escola.

Nosso objetivo ao iniciarmos com esse trabalho era estimular a leitura do Diário de Anne Frank e, ao mesmo tempo, fomentar a criticidade diante dos acontecimentos do Holocausto. Logo, o envolvimento e a vontade de discutir a cerca da temática favoreceu a realização do “Café Filosófico” e a produção do livro com os textos produzidos pelos alunos.

Essa atividade, em especial, favoreceu a imaginação e, em muitos casos, conseguimos perceber as angústias e desejos dos alunos representados na personagem Anne Frank. Ao imaginarem a continuação do diário, os textos representavam o cotidiano dos campos de concentração pelo qual ela passou (Auschwitz e Bergen-Belsen), Anne fugindo com o apoio de um Nazista, Anne resgatada e sendo adotada por uma família de judeus, Anne no Brasil nos dias atuais descrevendo as desigualdades sociais presentes no país, Anne nos EUA durante o 11 de setembro e Anne sobrevivendo à Covid-19. Este em especial foi representado em vários textos demonstrando as próprias angústias e a inter-relação entre o tempo no Anexo Secreto e o tempo de afastamento do convívio social por conta da Covid-19.

A entrega das cestas básicas também pode ser considerada um momento de grande significância, visto o trabalho sobre alteridade e a possibilidade de agir pensando no outro. Certamente, o projeto possibilitou o aprendizado de valores significativos e humanamente necessários no que pensamos sobre a educação na atualidade. Para além de um conteúdo específico, a percepção sobre a necessidade do outro nos leva a pensar quais os desafios para uma educação pós-Auschwitz.

Notas

ⁱ Professora do Cest Sagrada Família; Professora da Universidade do Contestado UnC; graduada em História UnC; Mestre em Ciências da Linguagem Unisul; Doutora em História da Ciência PUC/SP; Pós-doutorado em História da Educação USP/SP.

ⁱⁱ Professor de Filosofia Cest Sagrada Família; Graduado em Filosofia pela Faculdade São Luiz; Especialização em Filosofia Université Sorbonne Nouvelle.

SOBRE A BANALIDADE DO MAL: INTERDISCIPLINARIDADE E PRODUÇÃO DE
SENTIDOS NO CONTEXTO EDUCACIONAL

ROCHA, S.; STANSKI, M.

-
- ^{III} ARENDT, p. 12.
^{IV} ARENDT, 1971, p. 10.
^V ARENDT, 1971, p. 17.
^{VI} ARENDT, 1971, p. 18.
^{VII} PEREIRA, 1987.
^{VIII} DELGADO, 2010.
^{IX} NETO, 2009.
^X LÉVINAS, 1988, p. 37-38 e p. 61-62.

Referências

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral – memória, tempo, identidades**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

PEREIRA, João Batista Borges. **A criança negra: identidade étnica e socialização**. In: <http://publicações.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/1268/1270> acesso em 30/08/2015.

CALDEIRA, Odilon Neto. **Memória e justiça: o negacionismo e a falsificação da história**. *Antíteses*, vol. 2, n. 4, jul.-dez. de 2009, pp. 1097-1123.

SOUZA, Ricardo Timm de. **Em torno à diferença. Aventuras da Alteridade na Complexidade da cultura contemporânea**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2008.

ARENDT, Hannah. **A vida do espírito**. 1971. Editora UFRJ.

LEVINAS, Emmanuel. **De outro modo que ser, o mas allá de la esencia**. Trad. Antonio Pintor-Ramos. Salamanca: Sígueme, 1988.^x